

CAFÉ LITERÁRIO: LEITURA, PARTILHA E PRODUÇÃO CRIATIVA NO CONTEXTO DA EXTENSÃO DO IFAM

LITERARY CAFE: READING, SHARING, AND CREATIVE PRODUCTION IN THE CONTEXT OF IFAM'S EXTENSION PROGRAM

Bruno Bufuman Alecrim¹
Gleison Costa Ramos²
Davilla Vieira Odizio da Silva³
Lerkaine Miranda de Moraes⁴
Cassiely Betez⁵

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar os êxitos do Projeto de Extensão Café Literário, desenvolvido no âmbito do Instituto Federal do Amazonas-IFAM Campus Humaitá, com o objetivo de ressignificar a leitura literária como prática social, estética e humanizadora entre estudantes da educação básica. Fundamentado em referenciais teóricos que concebem a literatura como direito humano e espaço de formação integral, o projeto foi executado ao longo de cinco meses e envolveu a participação de vinte estudantes em rodas de leitura, oficinas temáticas e atividades de produção autoral. A metodologia adotada caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritiva, ancorada em registros no diário de campo do coordenador e colaboradores, produções textuais dos participantes, registros fotográficos e observação sistemática das interações estabelecidas nos encontros. A análise dos dados, realizada por meio da análise temática, evidenciou ampliação do engajamento dos estudantes, fortalecimento da expressão oral e escrita, construção de vínculos afetivos e emergência de uma comunidade leitora baseada na escuta, no diálogo e na fruição estética. Os resultados indicam que a mediação literária, quando orientada por princípios dialógicos e sensíveis, potencializa processos de autoria, pertencimento e autonomia discente, contribuindo para a formação crítica e humanizadora. Conclui-se que o Café Literário se constituiu como espaço de encontro, diálogo, criação e significação, reafirmando o papel da extensão universitária na promoção de práticas educativas transformadoras.

Palavras-chave: leitura; extensão; formação de leitores.

¹ Mestre em Ensino Tecnológico, Professor, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. bruno.alecrim@ifam.edu.br

² Mestre em Ensino de Ciências da Natureza, Técnico Administrativo Educacional, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. gleison.ramos@ifam.edu.br

³ Mestra em Ensino de Ciências Ambientais, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. davilla.odizio@ifam.edu.br

⁴ Mestra em Educação, Técnica em Assuntos Educacionais, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. lerkiane.morais@ifam.edu.br

⁵ Mestra em Ciências Ambientais, Técnica em Assuntos Educacionais, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. cassiely.betez@ifam.edu.br

Abstract: *This article aims to present the successes of the Literary Café Extension Project, developed within the scope of the Federal Institute of Amazonas-IFAM Humaitá Campus, with the purpose of re-signifying literary reading as a social, aesthetic, and humanizing practice among basic education students. Based on theoretical frameworks that conceive of literature as a human right and a space for integral formation, the project was implemented over five months and involved the participation of twenty students in reading circles, thematic workshops, and authorial production activities. The methodology adopted is characterized as qualitative, descriptive in nature, anchored in field diary entries by the coordinator and collaborators, textual productions of the participants, photographic records, and systematic observation of the interactions established in the meetings. The thematic analysis of the data revealed increased student engagement, the strengthening of oral and written expression, the development of affective bonds, and the emergence of a reading community based on listening, dialogue, and aesthetic enjoyment. The results indicate that literary mediation, when guided by dialogical and sensitive principles, enhances processes of authorship, belonging, and student autonomy, contributing to a critical and humanizing education. It is concluded that the Literary Café constituted a space for encounter, dialogue, creation, and meaning-making, reaffirming the role of university outreach in promoting transformative educational practices.*

Keywords: *reading; extension; reader development.*

INTRODUÇÃO

A leitura literária, quando compreendida como prática social, estética e humanizadora, constitui uma das experiências formativas mais significativas no percurso educacional dos estudantes. Muito além do domínio técnico da decodificação, o ato de ler envolve interpretação, sensibilidade, diálogo e construção de sentidos, conforme apontam Freire (1999) e Koch e Elias (2012). Em um cenário educacional marcado pela intensificação das demandas acadêmicas, pela pressão por desempenho e pela crescente presença de tecnologias digitais que competem com o livro, práticas de leitura mediada tornam-se não apenas necessárias, mas urgentes para fortalecer o vínculo dos jovens com a literatura.

No contexto da Escola Estadual Oswaldo Cruz, diagnóstico inicial realizado com base em dados do SAEB e escuta ativa da comunidade escolar revelou índices preocupantes de desinteresse pelos livros e baixa frequência de leitura autônoma entre os estudantes. Tal realidade evidencia um distanciamento da literatura enquanto experiência de formação cultural, emocional e intelectual, reforçando a necessidade de ações pedagógicas que concebem o espaço da leitura, como forma prazerosa, de descoberta e de emancipação do sujeito. Sabino (2009) lembra que, quando a leitura se reduz a uma prática mecânica, desvinculada do prazer e da significação, ela perde seu potencial transformador e deixa de contribuir para o desenvolvimento crítico dos sujeitos.

Nesse sentido, o Projeto Café Literário, desenvolvido no âmbito da extensão do IFAM Campus Humaitá, surge como estratégia para resgatar a potência formativa da literatura por meio de encontros dialógicos, rodas de conversa, oficinas criativas e práticas de mediação sensível. Ao aproximar estudantes de diferentes gêneros literários, autores e linguagens artísticas, a iniciativa busca construir uma comunidade leitora capaz de interpretar textos e, sobretudo, interpretar-se a si mesma no mundo. Tal perspectiva dialoga com Araújo (2010) e Silva (1986), que ressaltam o papel da leitura na formação do pensamento crítico, na ampliação da consciência e no fortalecimento da autonomia intelectual.

O projeto, portanto, buscou criar um espaço-tempo de convivência estética e partilha de experiências, no qual a literatura opera como mediadora de vínculos, afetos e significações. Ao envolver estudantes em práticas de leitura compartilhada, produção autoral e apreciação literária, o Café Literário consolida-se como ação educativa que transcende o currículo formal e promove processos formativos integrais, alinhados aos princípios da educação emancipadora e à missão extensionista do IFAM.

REFERENCIAL TEÓRICO

CAMINHOS DA EXPERIÊNCIA: A LEITURA COMO ENCONTRO E PARTILHA

A ação de extensão Café Literário, desenvolvida no âmbito do Instituto Federal do Amazonas-IFAM Campus Humaitá por meio da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), Edital nº 002/2025, contou com uma equipe multidisciplinar composta por dois pedagogos, dois docentes das áreas de Linguagens e Humanidades, uma bibliotecária e estudantes do Ensino Médio Integrado que atuaram como bolsista e voluntário do projeto. Essa composição possibilitou uma atuação articulada e interdisciplinar, garantindo que os aspectos pedagógicos, literários, organizacionais e culturais fossem considerados na

construção e execução do projeto. Desde o início, assumiu-se que a promoção da leitura exigia não apenas um conjunto de atividades, mas uma intencionalidade formativa alinhada à concepção de literatura como prática social, estética e humana, conforme defendem autores como Candido (2004); Freire (1996) e Petit (2009).

O público-alvo escolhido foi a Escola Estadual de Ensino Médio Oswaldo Cruz, situada no município de Humaitá, a 675 km de Manaus. A escolha da instituição baseou-se inicialmente em um diagnóstico fundamentado em dados do SAEB/2021, que revelavam um cenário marcadamente frágil em relação ao hábito de leitura: 37% dos estudantes declararam nunca ou quase nunca ler livros além dos exigidos pelas disciplinas, enquanto 42% afirmavam ler apenas ocasionalmente.

Em relação às histórias em quadrinhos, consideradas porta de entrada para muitos jovens leitores, 44% declararam nunca ou quase nunca realizarem essa leitura, e outros 43% o faziam apenas esporadicamente. Apesar desse quadro, chamou atenção o fato de que 66% desses jovens expressavam desejo de ingressar no ensino superior, indicando potencial de engajamento e abertura para experiências literárias inovadoras, desde que tais experiências fossem conduzidas em formatos mais acolhedores, dialógicos e próximos de seu universo cultural.

A justificativa para a escolha da escola também se apoia em sua relevância histórica. Fundada em 1918 como Grupo Escolar Oswaldo Cruz, a instituição faz parte da memória educacional do sul do Amazonas, mantendo há mais de um século um papel essencial na formação de diferentes gerações. Sua estrutura consolidada, corpo docente experiente e papel simbólico na cidade apresentaram-se favoráveis para o desenvolvimento de um projeto que se propunha a ressignificar práticas de leitura e fortalecer laços culturais e afetivos por meio da literatura.

O Café Literário estruturou-se a partir da compreensão de que a leitura não é um ato isolado, circunscrito ao ambiente escolar, mas uma experiência coletiva, acessível, afetiva e socialmente situada. Para Freire (1996), ler é interpretar o mundo; para Candido (2004), é um direito humano formador; para Petit (2009), é um encontro simbólico que exige ambientes que acolham, toquem e favoreçam o pertencimento. Assim, a proposta metodológica dos encontros assumiu caráter vivencial e dialogado, buscando criar espaços onde os estudantes pudessem expressar, construir e partilhar sentidos.

Os encontros ocorreram quinzenalmente em diferentes espaços, incluindo salas de aula, biblioteca, Casa da Cultura, orla da cidade, praças públicas e ambientes ao ar livre compostos em estilo piquenique. A escolha por esses espaços plurais respondia ao princípio de que a leitura pode e deve habitar o cotidiano, rompendo com a ideia de que é prática restrita a ambientes formais. Em muitos momentos, o ato de ler foi acompanhado pelo som do rio, pelo movimento da cidade ou pela convivência silenciosa entre estudantes que descobriram que a leitura pode ser também uma experiência sensorial, estética e comunitária.

Durante esses encontros, realizaram-se leituras compartilhadas, nas quais os estudantes liam trechos de obras previamente escolhidas ou traziam espontaneamente textos de sua preferência. Logo após a leitura, seguia-se uma roda de conversa, estruturada como espaço dialógico freireano, no qual opiniões, impressões, sentimentos e dúvidas podiam ser expressos sem a rigidez de respostas certas ou erradas. Essas conversas constituíram-se como momentos formativos, nos quais diferentes interpretações emergiram

e se entrelaçaram, permitindo que os estudantes compreendessem que ler é também confrontar mundos, ampliar perspectivas e reconhecer-se no outro.

A oralidade, nesse processo, apresentava-se como elemento central: muitos estudantes passaram, ao longo do projeto, de participações tímidas a intervenções argumentativas ricas e estruturadas, fenômeno compreendido à luz das contribuições de Bortoni-Ricardo (2004), segundo as quais o desenvolvimento oral é um processo social e identitário.

A contação de histórias representou um ponto alto do projeto. Ancorada no pensamento de Benjamin (1994), compreendeu-se que narrar é uma forma ancestral de transmitir experiências, afetos e sabedorias. A oficina permitiu que os estudantes explorassem a expressividade vocal, corporal e emocional, aprendendo a organizar narrativas, criar ambientes imaginativos e ocupar simbolicamente o espaço de fala. A prática desvelou, em muitos deles, memórias pessoais, vivências familiares e referências culturais amazônicas, transformando o grupo em um espaço de partilha profunda. Ao narrar, os estudantes não apenas contavam histórias: contavam-se a si mesmos. Essa vivência favoreceu o fortalecimento da empatia.

A culminância do projeto ocorreu com a produção de um livro coletivo de poemas. A escrita poética foi desenvolvida de forma progressiva, iniciando com leituras de poesias de autores diversos e avançando para exercícios de escrita criativa voltados à exploração de metáforas, imagens sensoriais, ritmos e temas ligados ao cotidiano dos jovens. A concepção de Eco sobre o texto literário como obra aberta guiou parte do processo, estimulando os estudantes a perceberem a multiplicidade de sentidos que um poema pode provocar. Em encontros de revisão colaborativa, cada autor lia seus poemas e recebia contribuições do grupo, em um movimento que gradualmente consolidou a identidade literária coletiva. Esse processo de coautoria refletiu o que Lave e Wenger (1991) denominam como comunidade de prática: um grupo que aprende junto, produz junto e se reconhece como produtor cultural.

Para registro e análise da experiência, o coordenador do projeto manteve um Diário de Campo, documento no qual anotou de forma sistemática as características de cada encontro, as reações dos estudantes, comentários espontâneos, desafios metodológicos, ajustes necessários e percepções sobre o desenvolvimento individual e coletivo dos participantes. Este diário constituiu-se como fonte central para a elaboração deste artigo, sustentando-o com dados qualitativos que conferem profundidade e fidedignidade ao relato. As anotações revelaram não apenas o que foi feito, mas como foi sentido, vivido e ressignificado pelos participantes.

A escrita deste artigo, portanto, baseou-se em uma triangulação metodológica composta pela análise documental do projeto submetido à PROEX, pelas evidências registradas no Diário de Campo e pelas produções textuais dos estudantes. Essa combinação, orientada pelo paradigma qualitativo descrito por Lüdke e André (2013), possibilitou a construção de uma narrativa científica consistente, capaz de traduzir a complexidade, a sensibilidade e o impacto pedagógico da experiência.

LEITURA COMO PRÁTICA ESTÉTICA, COMUNITÁRIA E FORMADORA

A experiência do Café Literário fundamenta-se na concepção de leitura como prática estética, comunitária e socialmente situada. Tal perspectiva rompe com a lógica tradicional

da escola, na qual a leitura é frequentemente associada a avaliações, decodificação mecânica ou cumprimento de tarefas (Soares, 2002; Silva, 1986). A vivência literária, quando reduzida ao utilitarismo escolar, perde seu potencial formativo, afetivo e emancipador.

Inspirado na concepção de Antonio Candido (1995), o projeto assumiu que a literatura é um direito humano fundamental, capaz de humanizar, despertar sensibilidades e ampliar repertórios simbólicos. Candido argumenta que a arte literária tem a função de estruturar afetos, subjetividades e a visão crítica do mundo dos leitores. Assim, o Café Literário buscou proporcionar aos estudantes um contato com a leitura em sua dimensão estética, compreendendo-a como experiência prazerosa, reflexiva e relacional.

Durante as rodas de conversa — principal estratégia metodológica do projeto — os estudantes eram convidados a compartilhar leituras, impressões, dúvidas, emoções e ressonâncias provocadas pelos textos. Essas conversas constituíram verdadeiros espaços dialógicos, nos termos de Freire (1996), onde a palavra era instrumento de encontro, construção conjunta de sentidos e exercício da criticidade. O diálogo, como aponta Freire, produz conhecimento porque permite a troca entre sujeitos, numa relação horizontal, de escuta e respeito. A Figura 1 mostra alguns encontros de leitura compartilhada.

Figura 1 – Roda de conversa e partilha literária durante o Café Literário.



Fonte: autores, 2025.

Em cada encontro, observou-se um movimento crescente de autonomia leitora. Inicialmente tímidos e pouco participativos, os estudantes passaram a propor temas, apresentar fragmentos literários, levantar interpretações e argumentar sobre escolhas estéticas de personagens e narradores. Esse processo desenvolveu habilidades de oralidade, como argumentação, contra-argumentação e escuta ativa, de acordo com as reflexões de Bortoni-Ricardo (2004), que entende o oral como prática social e campo de construção identitária.

Além disso, o caráter comunitário das rodas reforçou a ideia de que a leitura não é ato solitário, mas evento social. Chartier (1998) destaca que as práticas de leitura são historicamente diversas e frequentemente coletivas; o ato de ler em grupo cria sentidos que não emergiram de forma isolada. No Café Literário, observaram-se vínculos afetivos construídos em torno dos livros, criando um grupo de pertencimento literário, conceito próximo ao de comunidades de leitores defendido por Petit (2008). Dessa forma, a leitura ultrapassou a dimensão escolarizada e transformou-se em prática cultural, capaz de mediar relações, ampliar horizontes e fomentar o protagonismo leitor dos jovens.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva (Ludke; André, 2013) e estruturada sob o formato de relato de experiência, conforme orientações metodológicas da literatura educacional contemporânea. Essa abordagem permite compreender, em profundidade, os sentidos atribuídos pelos participantes às práticas de leitura literária desenvolvidas no contexto do projeto “Café Literário”, privilegiando a subjetividade, a vivência e a construção simbólica da aprendizagem.

As atividades foram realizadas ao longo de cinco meses, correspondendo ao período de execução do projeto de extensão. Participaram, de forma contínua, 20 estudantes regularmente matriculados na Escola Estadual Osvaldo Cruz, os quais integraram rodas de leitura, oficinas e encontros formativos semanais.

A construção dos dados ocorreu por meio de múltiplas fontes: Diário de Campo do Coordenador e colaboradores do projeto, utilizado como instrumento central de registro reflexivo das interações, dificuldades, avanços e percepções emergentes ao longo dos encontros; Registros Fotográficos, que documentaram momentos-chave das atividades e permitiram observar aspectos comportamentais, estéticos e expressivos; listas de Presença e fichas de Participação, que possibilitaram monitorar adesão, frequência e engajamento dos estudantes; materiais produzidos pelos participantes, como poemas, textos autorais, relatos orais e impressões individuais expressas nas rodas de conversa.

O uso combinado desses instrumentos favoreceu a triangulação entre diferentes tipos de dados, ampliando a confiabilidade interpretativa.

As ações desenvolvidas incluíram: rodas de leitura literária, estruturadas a partir de textos curtos, contos, poemas e obras de referência, mediadas pelo coordenador e colaboradores, ancoradas em abordagens dialógicas inspiradas em Freire (1996) e Petit (2019); oficinas temáticas, voltadas à experimentação criativa, ao debate estético e à expressão subjetiva dos estudantes; atividades de produção literária, nas quais os participantes elaboraram poemas, narrativas breves e reflexões, posteriormente compilados no e-book final do projeto. Esses procedimentos foram conduzidos de maneira processual, respeitando o ritmo e as experiências prévias dos estudantes, e priorizando o espaço de fala, a escuta sensível e a construção coletiva de sentidos.

Para a Análise dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2016) e Braun & Clarke (2021), permitindo identificar categorias emergentes relacionadas a: práticas de leitura e mediação; experiências estéticas e expressivas; engajamento dos estudantes; percepção sobre a literatura como prática social e humanizadora.

A análise temática possibilitou articular empiricamente os registros obtidos com os referenciais teóricos mobilizados no artigo, revelando convergências entre vivência prática e fundamentação conceitual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Quadro 1, a seguir, reúne os principais achados da experiência, articulando evidências empíricas, interpretações teórico-metodológicas e implicações pedagógicas, permitindo uma visualização clara dos impactos do projeto “Café Literário” no desenvolvimento dos estudantes.

Quadro 1: Achados do projeto de extensão.

Achados Centrais	Evidências Empíricas Observadas	Interpretação/Análise	Implicações Pedagógicas
Ampliação da participação e engajamento dos estudantes	Aumento progressivo da adesão às rodas de leitura; maior espontaneidade nas falas; participação ativa nas discussões.	A presença constante nas rodas e a crescente disposição para compartilhar ideias indicam que o espaço se consolidou como ambiente de confiança e pertencimento.	Promover práticas continuadas de leitura mediada favorece vínculos afetivos e amplia a participação discente em atividades formativas.
Desenvolvimento da expressão oral e escrita	Produção de poemas, relatos e reflexões autorais; melhoria na fluidez discursiva durante os encontros; ampliação do vocabulário literário.	A escrita criativa e a oralidade mediada constituíram dispositivos de elaboração subjetiva, permitindo aos estudantes ressignificar suas experiências.	Incentivar práticas autorais estimula autonomia intelectual, criatividade e fortalecimento da autoestima acadêmica.
Formação de comunidade leitora e fortalecimento da experiência estética	Trocas espontâneas sobre livros, identificação com personagens e temas, debates sobre sentidos atribuídos aos textos lidos.	Houve emergência de um ethos comunitário de leitura, no qual os estudantes se reconhecem como sujeitos de interpretação e fruição literária.	Projetos que integram literatura, diálogo e estética fortalecem a formação leitora crítica e ampliam horizontes culturais.
Consolidação de vínculos afetivos e sociais entre os participantes	Relatos no diário de campo indicam apoio mútuo, escuta sensível e criação de laços entre alunos.	A convivialidade estética, conforme Petit, favorece o encontro com o outro e a elaboração de pertencimento.	Projetos literários funcionam como dispositivos de cuidado, acolhimento e desenvolvimento socioemocional.
Atribuição de novos sentidos à leitura e à literatura	Falas registradas demonstram compreensão ampliada sobre a leitura como prática de vida, não apenas escolar.	A literatura operou como mediação simbólica, permitindo aos estudantes interpretar a si mesmos e o mundo.	Metodologias que aproximam literatura e vivência pessoal fortalecem a dimensão humanizadora da leitura.

Fonte: Elaboração própria, 2026.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA EDUCATIVA, AFETIVA E CULTURAL

A oficina de contação de histórias representou um dos momentos mais significativos do Café Literário, tanto pelo aspecto lúdico quanto pelo potencial formativo da prática. A arte de contar histórias é considerada um dos mais antigos modos de preservação da memória coletiva e da transmissão de saberes (Benjamin, 1994). Para o autor, o narrador tradicional compartilha experiências vividas ou ouvidas, estabelecendo pontes entre gerações e culturas, produzindo uma sabedoria que não se esgota no texto, mas na relação humana que se constrói durante a narração.

No contexto do projeto, a contação de histórias possibilitou aos estudantes explorar dimensões expressivas nem sempre trabalhadas na escola, como uso da voz, entonação, gestualidade e presença corporal. Segundo Abramovich (1997), ao narrar, o sujeito organiza pensamentos, reconstrói memórias e estabelece empatia com o ouvinte. Essa relação

estética e emocional foi muito perceptível nas oficinas, nas quais os estudantes se envolveram intensamente, vivendo “o prazer de ouvir e o prazer de ser ouvido”.

A prática de narrar despertou também elementos identitários. Ao escolher que história contar, o estudante mobiliza seus repertórios pessoais, experiências de vida e preferências culturais. Isso está alinhado com a concepção de literatura como território de identidade, defendida por Hall (2003), em que narrativas exercem papel essencial na construção do “eu” e do “nós”.

A contação de histórias mostrou-se ainda um potente instrumento de desenvolvimento da empatia. Pesquisas da psicologia cognitiva (Nussbaum, 2010; Oatley, 2016) demonstram que o contato com narrativas de ficção amplia a capacidade humana de se colocar no lugar do outro, compreender perspectivas diversas e desenvolver competências socioemocionais. Essa evidência ficou clara nos depoimentos dos estudantes, que relatavam sentir-se “tocados”, “mexidos” ou “identificados” com histórias narradas pelos colegas. A Figura 2 ilustra esse momento.

Figura 2 – Oficina de contação de histórias com estudantes do Ensino Médio.



Fonte: Elaboração própria, 2026.

A oficina, assim, consolidou-se como ferramenta educativa integral, envolvendo corpo, emoção, linguagem e convivência, contribuindo para uma formação mais humana e sensível.

PRODUÇÃO CRIATIVA E CONSTRUÇÃO DO LIVRO COLETIVO DE POEMAS

A fase final do Café Literário foi dedicada à criação de poemas autorais que comporão um livro coletivo. Essa etapa sintetizou o percurso formativo dos estudantes: da leitura estética para a criação literária, da apreciação para a autoria, da recepção para a produção. A escrita poética, enquanto forma artística, permite experimentação de imagens, sons, metáforas e sensações que tocam dimensões profundas da subjetividade. Para Octavio Paz (1982), a poesia cria mundos que só existem na linguagem, revelando uma verdade emocional e simbólica própria. Ao escrever seus poemas, os estudantes puderam expressar emoções como medo, esperança, amor, saudade, pertencimento e descoberta, demonstrando amadurecimento estético.

A perspectiva de Eco (1994) de que o texto literário é uma “obra aberta” também guiou essa fase. Cada poema produzido não era apenas expressão do autor, mas convite ao leitor

— no caso, o grupo — para completar sentidos, interpretar lacunas e dialogar com a subjetividade alheia. Essa troca configurou uma experiência de coautoria ampliada.

A organização do livro coletivo de poemas dialoga diretamente com o conceito de comunidade leitora (Chartier, 1998) e, mais recentemente, com as noções de comunidade de prática literária (Lave; Wenger, 1991). Nessas comunidades, aprender é participar de atividades compartilhadas, observar modelos, experimentar e ser reconhecido como membro. Ao escrever lado a lado, revisando textos, lendo trechos uns dos outros e sugerindo melhorias, os estudantes se constituíram como uma comunidade criativa.

Além disso, a criação do livro promoveu um forte sentimento de autoria e pertencimento. Segundo Bakhtin (2003), todo ato de linguagem é responsivo e responsorial: escrevemos para um outro, imaginado ou real. A publicação coletiva ampliou a consciência dos jovens sobre sua própria voz e sua capacidade de produzir conhecimento cultural. Na Figura 3, apresentamos o momento de diálogo para definição da produção.

Figura 3 – Diálogo pré-produção de poemas.



Fonte: Elaboração própria, 2026.

A culminância com a publicação — física ou digital — representará, portanto, mais do que um produto final, será o registro de uma trajetória formativa, estética e afetiva, reafirmando que a literatura pode ser espaço de produção, não apenas de consumo, assim como apresentar os resultados, analisando e discutindo os diversos aspectos de interesse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do projeto “Café Literário” evidenciou que práticas de leitura mediadas, quando ancoradas em uma perspectiva dialógica, estética e humanizadora, assumem papel decisivo na formação integral dos estudantes. Os resultados alcançados ao longo dos cinco meses de execução mostram que a literatura, compreendida aqui na acepção de Candido como direito humano e experiência formadora, constituiu-se não apenas como objeto de fruição, mas como espaço de elaboração subjetiva, convivência simbólica e construção de identidades juvenis.

A participação ativa dos estudantes nas rodas de leitura, nas oficinas e nos momentos de produção autoral demonstrou que, quando lhes é oferecido um ambiente de confiança, escuta sensível e acesso à palavra poética, emergem formas singulares de expressão, reflexão e criação. As interações registradas no diário de campo sugerem que a experiência literária, tal como descreve Petit, torna-se mediadora de encontros – consigo mesmo, com

o outro e com o mundo, abrindo rotas de sentido antes inacessíveis ou pouco exploradas no cotidiano escolar.

Do ponto de vista pedagógico, o projeto reafirmou a potência da literatura como dispositivo de aproximação, cuidado e desenvolvimento socioemocional. Os estudantes passaram a se reconhecer como leitores e autores capazes de produzir discursos próprios, interpretar suas vivências e atribuir novos significados às narrativas com as quais dialogam. Ao mesmo tempo, as práticas implementadas desafiaram a lógica da leitura escolar tradicional, muitas vezes centrada na decodificação, e reafirmaram o valor da experiência estética como fundamento da educação.

A análise dos dados também evidencia que iniciativas de extensão como esta promovem ampliação do repertório cultural, fortalecimento da autonomia, engajamento acadêmico e formação de uma comunidade leitora no espaço institucional. Contudo, reconhece-se que tal experiência não esgota as possibilidades de intervenção literária; sua continuidade demanda ações sistemáticas, ampliação do acervo, formação permanente de mediadores e maior articulação com outras áreas curriculares.

Assim, conclui-se que o “Café Literário” demonstrou capacidade efetiva de transformar práticas de leitura, ressignificar percepções sobre literatura e promover a humanização por meio da palavra. Mais do que um projeto, constituiu-se como um espaço de encontro, criação e pertencimento, reafirmando que a literatura, quando acessível e compartilhada, é território de formação, emancipação e possibilidades. Espera-se que seus desdobramentos inspirem novas ações e estudos, contribuindo para a consolidação de uma cultura leitora viva, crítica e plural no IFAM e na comunidade local.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Quem Conta um Conto... Ensina a Viver**. São Paulo: Scipione, 1997.

ARAÚJO, Cristina Nalon de. Gostar de ler: mapeamento de leitura junto a alunos da 4ª série. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**. v. 31, n. 1, p. 3-24, 2010.

AVE, Jean; WENGER. Etienne. **Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**. São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. **Thematic Analysis: A Practical Guide**. London: SAGE, 2021.
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Ática, 1995.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**. São Paulo: UNESP, 1998.
- ECO, Umberto. **Obra Aberta: Forma e Indeterminação nas Poéticas Contemporâneas**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.
- LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. 2. ed. São Paulo: EPU, 2013.
- NUSSBAUM, Martha C. **Not for Profit: Why Democracy Needs the Humanities**. Princeton: Princeton University Press, 2010.
- OATLEY, Keith. Fiction: Simulation of Social Worlds. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 20, n. 8, p. 618–628, 2016.
- PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**. São Paulo: Global, 2008.
- PETIT, Michèle. **A arte de ler: quando a leitura se torna uma experiência**. São Paulo: Editora 34, 2019.

PETIT, Michèle. **A leitura: do espaço íntimo ao espaço público**. São Paulo: Editora 34, 2008.

SABINO, M. Importância educacional da leitura e estratégias para sua promoção. **Revista Iberoamericana de Educação**, v. 45, p. 1-11, 2008.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papirus, 1986.

SOARES, Magda. **Letramento**. São Paulo: Contexto, 2002.